

RESENHA

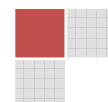
BERVIQUE, Profa. Dra. Janete de Aguirre
Docente do Curso de Psicologia FASU / ACEG - Garça-SP – Brasil
e-mail: jaguirreb@uol.com.br

1. IDENTIDADE DA OBRA

LAING, R. D. **O eu e os outros**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes Ltda, 1976.

2. NOTÍCIAS SOBRE O AUTOR

O Dr. Ronald D. LAING nasceu em Glasgow, Inglaterra, no ano de 1927. Trabalhou em diversas clínicas psiquiátricas, em sua terra, nelas tendo ocupado cargos de alta responsabilidade. Atualmente, trabalha autonomamente como psicanalista. Possui teorias pessoais e originais sobre diversos problemas pertinentes ao comportamento humano, normal ou anormal. Pelo fato de sua abordagem se distanciar da Psiquiatria ortodoxa, sua postura tornou-se conhecida como “Anti-Psiquiatria”, postura essa que não foi fruto do acaso, mas de sua longa experiência de clínico, estudioso e pesquisador. Como psicanalista e psiquiatra, tem-se concentrado, sobretudo, nos casos de perturbação extrema da comunicação humana e do relacionamento interpessoal, no estudo de tipos de família e no comportamento humano em suas múltiplas variedades. Publicou diversas pesquisas e ensaios em revistas especializadas, bem como vários livros, entre os quais: O eu dividido, O eu e os outros (o segundo, focado nesta resenha), Laços, A política da experiência e a ave do paraíso, e outros. Defende a tese de que os psiquiatras ortodoxos são responsáveis pela desumanização do paciente, rotulando-o como “louco”, estigmatizando-o, portanto, ao invés de compreenderem o seu modo de experimentar a realidade. Defende, também, no lugar da instituição psiquiátrica tradicional, um tipo de comunidade terapêutica onde o indivíduo pode ser ajudado a realizar a união intrapsíquica,



em vez de ter sustado todo o seu processo de integração. Kingsley Hall, na Zona Leste de Londres, foi o primeiro estabelecimento dessa categoria, criado especificamente para tratamento de acordo com as diretrizes da Psiquiatria Existencial; e o mais célebre caso de LAING foi o de Mary BARNES, discutido no mundo inteiro, sobretudo pelos clínicos de orientação científica que argumentam contra a absoluta ausência de medidas objetivas e de grupos de controle. LAING é fundamentalmente um filósofo, convicto de que a pesquisa clínica é, não só desumanizadora, mas, também, completamente irrelevante no que concerne ao entendimento da PESSOA.

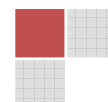
3. BREVE RESUMO DA OBRA

A temática é o relacionamento interpessoal, que o autor explora através do exame de modalidades diferentes de experiência, como forma de relacionamento, dando ênfase a alguns aspectos significativos da relação, particularmente àqueles que são indicadores de distúrbio ou de rutura do relacionamento.

O desenrolar do discurso permite concluir que os diferentes distúrbios ou rupturas ocorridas na experiência relacional não são sintomas de doenças, mas sim uma estratégia política de sobrevivência, isto é, face a um mundo opressivo e alienado, o indivíduo se defende, entrando para dentro de si mesmo, num mundo à parte, como único recurso possível para preservar o seu “centro”.

3.1. Aspecto mais interessante

A falsa posição alienada dentro de um sistema de fantasia social (p. 37). Esta implica um relacionamento conspiratório e nessa conspiração está implícito um “jogo”, pelo qual duas ou mais pessoas se iludem a si mesmas; cada qual joga o jogo do outro, sem que alguém admita que se trata de um jogo; cada pessoa envolvida conspira para que a falsa posição do outro seja mantida (p. 103).



3.2. Aspecto mais importante

A identidade complementar versus a auto-identidade. “Todas as ‘identidades’ exigem um outro – alguém em quem e através de cujo relacionamento a auto-identidade é efetivada” (p. 78).

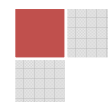
4. METODOLOGIA

O método de abordagem adotado por Ronald LAING tem como fundamental teórico a Fenomenologia-existencial de KIERKEGAARD, HEIDEGGER e SARTRE, que não considera a insegurança e a angústia como sintomas de doenças, mas sim como uma característica ontológica do homem enquanto homem – como fenômeno a ser compreendido e não catalogado. O ponto de partida é, pois, uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta – realidade essa na qual se encontra situado o homem concreto, como ser-processo, vivendo a sua problemática existencial “aqui e agora”; desvincula-se, pois, o autor, de qualquer dado apriorístico ou rotulação que possa interferir na sua compreensão do homem no seu “estar-sendo-aqui-agora-com-outros”, em diferentes modalidades de experiência ou em diferentes formas de experimentar a realidade.

5. LEVANTAMENTO CONCEITUAL

A fim de desenvolver a temática central – o relacionamento interpessoal – o autor trabalha vários conceitos, entre os quais arrolarei os por mim considerados mais significativos à compreensão da obra:

- REALIDADE: é o mundo, como ele se apresenta a cada pessoa, em particular.
- EXPERIÊNCIA: é a maneira peculiar a cada um de experimentar a realidade.
- FANTASIA: é uma modalidade de experiência; é “real na experiência do sujeito” (p.23), mas é também uma ilusão porque não pode ser

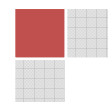


vista, nem tocada ou manipulada; é uma função mental cujos efeitos se fazem sentir, não apenas no mundo interior e no comportamento do próprio sujeito, como também no de outras pessoas.

- **“SELF” (EU)**: é o “eu interior”, o núcleo que sustenta a auto-identidade, possuindo uma estreita relação com o autoconceito.
- **IDENTIDADE e AUTO-IDENTIDADE**: “Identidade é a condição pela qual a pessoa se sente a mesma, neste lugar, neste momento, como naquele momento e naquele lugar, no passado ou no futuro” (p. 82); e “auto-identidade é a história que a pessoa conta a si mesma a seu próprio respeito” (p. 89).
- **IDENTIDADE COMPLEMENTAR**: “Todo relacionamento implica numa definição do eu pelo outro e do outro pelo eu. (...) A identidade da pessoa não pode ser completamente abstraída de sua identidade-para-os-outros; de sua identidade para si mesma; da identidade que os outros lhe atribuem; da identidade que ela atribui aos outros; da identidade ou identidades que julga que lhe atribuem, ou que pensa que eles pensam que ela pensa que eles pensam...” (p. 82).
- **INSEGURANÇA / SEGURANÇA ONTOLÓGICA**: Ver resenha da obra O eu dividido, do mesmo autor.

6. CONCLUSÕES POSSIBILITADAS PELA LEITURA DA OBRA

- 6.1. LAING adota uma postura fenomenológica-existencial, na sua tentativa parar compreender as pessoas, em seus diferentes modos de experimentar a realidade.
- 6.2. Preocupa-se em abordar as experiências do indivíduo no contexto do seu “estar-sendo-no-mundo”, ou seja, experienciando a sua problemática existencial “aqui-e-agora”.
- 6.3. A referida abordagem visa a melhor compreender as pessoas, ao invés de julgá-las; torna evidente a sua intenção de evitar a avaliação do “estar-sendo-no-mundo” de quem quer que seja.



- 6.4. Empenha-se, no decorrer do discurso, a orientar o raciocínio do leitor no sentido de que possa distinguir uma pessoa “ontologicamente segura ou estável” da “ontologicamente insegura”; a primeira possui um forte sentimento de sua própria identidade, que lhe fornece uma sólida base para se defrontar com outras pessoas e outros eventos em sua vida; e a segunda, ao contrário, não possuindo essa base, vê-se continuamente em face a perigos que ameaçam a sua própria existência.
- 6.5. O texto permite inferir algumas ameaças ou ansiedades que pesam sobre a pessoa “insegura ontologicamente”: teme estabelecer relações com outras pessoas, receando perder, assim, a sua identidade, ser absorvido – prefere o isolamento; sente-se vazia e quer preencher esse vazio, mas teme que “o mundo” venha a obliterar a sua identidade; o pensamento de ser despersonalizada numa relação e de se tornar “uma coisa” no mundo da outra pessoa, enche-a de pavor.
- 6.6. Concluindo, LAING admite que o indivíduo se defronta com duas possibilidades: “ser ele mesmo”, completamente, quaisquer que sejam as conseqüências; ou “matar o seu verdadeiro eu”, a fim de impedir que ele seja destruído por outros.

